

## Hemeroteca: Um lugar de memória do jornalismo de Picos-PI

*Hemeroteca: a place of memory of Picos-PI journalism*

### **Thamyres Sousa de Oliveira**

Professora Assistente do curso de Bacharelado em Jornalismo da Universidade Estadual do Piauí-Picos. Universidade Estadual do Piauí (UESPI). Picos, PI, Brasil.  
Email: thamyressousa@pcs.uespi.br

### **Paloma Aparecida Machado de Sousa**

Discente do Curso de Bacharelado em Jornalismo da Universidade Estadual do Piauí-Picos, bolsista do Programa “Hemeroteca: um lugar de memória do jornalismo de Picos-PI”. Universidade Estadual do Piauí (UESPI). Picos, PI, Brasil.  
Email: pamdesousa@aluno.uespi.br

### **Thaila Vitoria Santos Vieira**

Discente do Curso de Bacharelado em Jornalismo da Universidade Estadual do Piauí- Picos, voluntária do Programa “Hemeroteca: um lugar de memória do jornalismo de Picos-PI”. Universidade Estadual do Piauí (UESPI). Picos, PI, Brasil.  
Email: thailavitoriasvieira@aluno.uespi.br

### **Marcos Vinicius da Silva Modesto**

Discente do Curso de Bacharelado em Jornalismo da Universidade Estadual do Piauí-Picos, voluntário do Programa “Hemeroteca: um lugar de memória do jornalismo de Picos-PI”. Universidade Estadual do Piauí (UESPI). Picos, PI, Brasil.  
Email:marcosviniciusdasm@aluno.uespi.br

### **Beatriz de Sousa Silva**

Discente do Curso de Bacharelado em Jornalismo da Universidade Estadual do Piauí-Picos, voluntária do Programa “Hemeroteca: um lugar de memória do jornalismo de Picos-PI”. Universidade Estadual do Piauí (UESPI). Picos, PI, Brasil.  
Email: beatrizsilva@aluno.uespi.br



## Resumo

A extensão tem em seu cerne a missão de transformar e fazer com que a academia e a comunidade andem lado a lado. Desse modo, neste relato de experiência, buscamos compartilhar como o projeto Hemeroteca: um lugar de memória do jornalismo de Picos-PI tem engendrado um lugar de memória do jornalismo na cidade. A metodologia utilizada no projeto se concentra em três círculos principais: 1) planejamento, formação, acompanhamento e avaliação da organização do acervo de memória; 2) garimpagem de publicações jornalísticas e organização do acervo físico; 3) educação para a preservação da memória por meio da realização de minicursos. O projeto tem estimulado o protagonismo discente e mostrado que a educação se constrói também pela afetividade.

**Palavras-chaves:** Jornalismo; lugar de memória; educação para a memória.

## Abstract

The extension has at its heart the mission of transforming and making the academy and the community go hand in hand. Therefore, in this experience report, we seek to share how the Hemeroteca project: a place of memory for journalism in Picos-PI has created a place of memory for journalism, in the city. The methodology used in the project focuses on three main circles: 1) planning, training, monitoring and evaluation of the organization of the memory collection; 2) mining journalistic publications and organizing the physical collection; 3) education for the preservation of memory through short courses. The project has encouraged student protagonism and shown that education is also built through affection.

**Keywords:** Journalism; place of memory ; memory education.

**Linha de extensão: Mídias; Jornalismo; Patrimônio cultural e histórico**

**Área Temática: Comunicação; educação**

## *A importância da extensão na universidade*

Ao mencionarmos o termo extensão, notamos que é um termo no qual muitas que não são da comunidade acadêmica, desconhecem o significado. Alguns de nós, autores deste relato, egressos de escolas públicas, só passamos a conhecer esta prática quando ingressamos no ensino superior, situação que nos faz refletir, minimamente, sobre um certo distanciamento entre academia e educação básica.

Segundo dados de um levantamento realizado pelo Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (Senai) e Serviço Social da Indústria (Senai)<sup>1</sup>, publicado em 2003, 57% dos brasileiros acreditam que os jovens que concluem o ensino médio saem pouco preparados ou despreparados para o ensino superior e o mercado de trabalho (Brasil 61, 2023). A amostra que, a princípio revela a desconfiança dos entrevistados, nos instiga



também a pensarmos em como cursos de jornalismo podem contribuir para que estudantes da rede pública de Picos, cidade localizada no semiárido piauiense, cheguem à universidade e ao mercado de trabalho com acesso a mais informações, o projeto de extensão Hemeroteca: um lugar de memória do jornalismo de Picos-PI tem sido uma destas vertentes.

O termo extensão vem de estender, ampliar, aumentar, desenvolver. No sentido acadêmico, seria estender conhecimento entre as pessoas e contribuir com a sociedade. Para Freire (2013)<sup>2</sup>, a educação é comunicação, é diálogo, na medida em que não é a transferência de saber, mas um encontro de sujeitos interlocutores que buscam a significação dos significados. Desse modo, é evidente que a troca de conhecimento sobre esses significados entre a universidade e sociedade através da comunicação e do diálogo é de extrema importância.

Segundo Deus (2020)<sup>3</sup>, as diretrizes da extensão são: impacto e transformação social, pois ela pode mudar o destino dos indivíduos, em diferentes locais. Posto isso, o projeto “Hemeroteca: um lugar de memória do jornalismo de Picos-PI” tem como objetivo geral engendrar um lugar de memória do jornalismo de Picos, no Piauí e a partir deste lugar busca também preservar informações através de produções jornalísticas impressas, sonoras e audiovisuais picoenses; conservar um acervo documental de publicações locais em jornalismo e educar para a preservação da memória coletiva por meio do jornalismo.

O projeto, que integra o Programa Institucional de Bolsas em Extensão Universitária (PIBEU), da Universidade Estadual do Piauí é coordenado por duas professoras do curso de Jornalismo da IES, mas os estudantes extensionistas (1 bolsista e três colaboradores voluntários) são os agentes propagadores de informação da educação, uma vez que pesquisam, analisam, ouvem e aprendem com as comunidades em que estão inseridos. Acreditamos que é por meio desta relação que a universidade consegue, de fato, intervir no tecido social.

Buscar contribuições, ter um olhar crítico e de mudança são ações transformadoras feitas pela interação entre a universidade e a sociedade, de modo que a partir da vivência entre ambas as práticas são ressignificadas. Por meio dos dados garimpados com a ajuda da sociedade, estamos construindo um lugar de memória que pode ser visto e acessado por



futuros estudantes, comunidade externa, além dos minicursos que são ministrados nas escolas com o intuito de educar os jovens sobre memória, o porquê guardar documentos, de doar e de saber mais sobre o passado.

### *Por que falar de memória?*

A memória perpassa por uma relação de construção, no sentido de que ela não permanece como se originou, e existe à mercê das mudanças, da alteração, sendo construída constantemente. Os eventos aos quais nos lembramos hoje, muito provavelmente, não ocorreram da mesma forma que pensamos terem ocorrido. A memória não é um fato isolado, na medida em que ela não possui caráter individual, pois como indivíduos sociais, existimos em grupo, e nossas memórias estão ancoradas e interligadas nas dos próximos. Sendo assim, as outras pessoas interferem diretamente nesse processo de construção da memória, e ela pode ser tida como coletiva (Halbwachs, 1990)<sup>4</sup>.

Os grupos funcionam justamente como estruturas de suporte para as memórias dos indivíduos que o compõem, e justamente por possuírem essa função basilar, eles são de vital importância para que as memórias não deixem de existir e conseqüentemente, ocasionem um apagamento. Halbwachs (1990)<sup>4</sup> discorre sobre a possibilidade dessas memórias serem diluídas, alerta para as fragilidades da memória e considera a existência dos grupos importante para a manutenção da memória.

A fala de Halbwachs (1990)<sup>4</sup> nos estimula também a pensarmos sobre a necessidade de mantermos os grupos em contato para, de certo modo, ativarmos, construirmos memórias. O projeto Hemeroteca: um lugar de memória do jornalismo de Picos-PI coloca-se com um dos lugares que tenta ser um pactuador destes grupos. A intenção é construir um espaço para que a comunidade tenha acesso não só a produções jornalísticas *picoenses*, mas também a lembranças e até mesmo lacunas de contextos que eles podem ter se inserido ou não.



Além de compreendermos a memória como uma certa aglutinadora de grupos, entendemos que ela também pode ser um lugar de disputas. Muito sobre a vida do *picoense*, política, economia, sociedade e o próprio jornalismo encontra-se soterrado ou acessível apenas a pequenos grupos. Pollak (1989)<sup>5</sup>, ao falar sobre memória, esquecimento e silêncio, reforça que existe uma predileção sobre conflitos e disputas na escolha de objetos de pesquisa e utiliza o termo memórias subterrâneas para contemplar memórias que conseguem florescer de disputas. Se a extensão tem como papel estender, reiteramos a necessidade de que estas memórias em disputa sejam visibilizadas para a comunidade e também pela comunidade.

A pergunta que abre esta seção do relato nos interpela novamente: Por que falar de memória? Deixemos com Pierre Nora (1993)<sup>6</sup>. “Fala-se tanto de memória porque ela não existe mais”. (Nora, 1993)<sup>6</sup>. Envolvido na problemática de lugares de memória, o autor argumenta que o passado está cada vez mais morto e à medida que ficamos sem memória, resta-nos o esquecimento. A memória é o que mantém nossa cultura, nossa identidade. Nora (1993)<sup>6</sup> também traz a noção de lugares de memória. “Onde a memória se cristaliza e se refugia”. (Nora, 1993)<sup>6</sup>. Esses ditos lugares de memória são essenciais para preservar vestígios do passado e servem como uma medida para se opor a esse efeito degradante do tempo. Os lugares de memória são a forma, na qual a memória, agora fragmentada, tem a possibilidade de ser passada adiante.

Ancorados em Rêgo (2012)<sup>7</sup>, que considera o jornalismo um lugar de memória, embora esta não seja sua função, entendemos que o jornalismo abre espaço para que memórias sejam ativadas ou até mesmo para que percebamos o seu esquecimento. Nas publicações jornalísticas estão dispostas informações que compõem o imaginário simbólico coletivo da população e a partir daí reforçamos a importância de preservar e democratizar o acesso a estas produções. Este tem sido o trabalho da hemeroteca do curso de jornalismo de Picos, que tem trabalhado não só com a garimpagem e seleção de materiais jornalísticos, mas também com a educação para a memória.



## *Como temos construído uma hemeroteca em Picos- PI?*

Perguntar como a hemeroteca tem sido construída, é falar dos avanços para a memória jornalística da cidade, das trocas entre academia e comunidade, das relações de educação libertadora dentro do próprio grupo, mas também é falar de dores, da dificuldade de construir um lugar de memória em uma cidade que tem poucos acervos e uma carência de estímulo à preservação de conteúdo jornalístico e comunicacional. O programa tem sido desenvolvido do seguinte modo.

A primeira reunião do projeto aconteceu no dia 9 de fevereiro de 2023. A finalidade foi implementar no grupo uma cultura de organização. Além de estimular esta organização, desenvolver o planejamento com os discentes que fazem parte do projeto é também colocá-los como protagonistas. Na ocasião, o grupo ampliou o plano de trabalho, selecionou escolas que seriam assistidas na etapa de educação para a memória e fez uma estimativa de quando as atividades poderiam ser executadas. Embasados nas discussões freireanas, acreditamos que: “O sujeito pensante não pode pensar sozinho; não pode pensar sem a coparticipação de outros sujeitos no ato de pensar sobre o objeto. Não há um penso, mas um pensamos. É o pensamos que estabelece o penso [...]” (Freire, 2013, p. 57)<sup>2</sup>. Este tem sido um dos aspectos que sustentam o projeto: o trabalho pensado coletivamente.

Em 24 de março de 2023, tivemos a segunda reunião do projeto. O encontro foi realizado por meio da plataforma Google Meet e foi a nossa primeira formação para a execução do projeto e teve a professora Thamyres Sousa como facilitadora. O objetivo principal desse encontro foi estabelecer um conhecimento sólido sobre os principais temas que norteiam nosso projeto e ancorou-se em três aspectos essenciais: o que é extensão, o que é memória e como o jornalismo se encaixa como um lugar de memória.

A ideia era que antes da execução da proposta fôssemos estimulados a entender a relevância do trabalho, para assim executarmos com mais afinco. Antes da reunião, recebemos materiais para leitura que discutiam sobre extensão, memória e lugar de memória. Em consonância com o que foi apresentado no tópico anterior, a maioria dos integrantes da oficina também afirmaram que não conheciam a finalidade da extensão, antes de adentrarem



ao ensino superior, e nem tinham sido beneficiados por atividades extensionistas em outras ocasiões.

Para sanar esta dificuldade, primeiramente exploramos o conceito de extensão, enfatizando sua relevância na transformação social e os impactos que ela pode gerar. Isso nos levou a uma compreensão mais clara da necessidade de aplicar o conhecimento acadêmico em prol da sociedade. Reconhecemos, assim, que nosso projeto deve transcender o mero acervo de materiais históricos e jornalísticos, mas também envolver a comunidade de Picos ativamente.

Em seguida, discutimos o conceito de memória e como ela está ligada ao jornalismo. Ainda nesta etapa, reconhecemos a importância de preservar a memória coletiva de uma comunidade, que pode ser transmitida através de documentos históricos, como jornais e revistas locais. O jornalismo desempenha um papel fundamental como "lugar de memória", registrando eventos marcantes e mudanças sociais ao longo do tempo. A partir daí, ficou claro que nossa hemeroteca não deveria ser apenas um arquivo de jornais antigos, mas um espaço em que a comunidade poderia reconectar-se com suas próprias memórias.

Depois de definirmos os conceitos e delimitar os propósitos do projeto, demos continuidade ao planejamento. Primeiro, decidimos qual seria a frequência dos nossos encontros, optando por realizar reuniões presenciais uma vez na semana (às quintas feiras - 14h -18h). Acreditamos que essa regularidade é ideal para um bom acompanhamento do nosso projeto. Nos encontros, nos propomos a garimpar materiais jornalísticos, organizar as ideias para minicursos e também planejamos e executamos as estratégias comunicacionais, uma vez que entendemos que como estudantes de jornalismo e comunicadores devemos usar os conhecimentos adquiridos na área para divulgar o projeto, conseguir mais adeptos e, de certo modo, executar ali também um trabalho de educação para a memória.

Sabendo a importância e o alcance que as redes sociais possuem nos dias atuais, acordamos a criação de um instagram (@hemerotecauespi) dedicado à Hemeroteca para garantir nossa proximidade com a população. Com isso, dividimos cada membro da equipe com uma função específica, para garantir a eficácia da nossa presença online. A equipe destina na reunião semanal um tempo para programar a movimentação da página. O trabalho



é feito coletivamente e cada integrante opina em todo o processo de produção, mas para facilitar na execução dividimos as funções. Paloma Sousa e Beatriz Sousa são planejadoras de conteúdo para o instagram, Marcos Vinícius Modesto o gerenciador da página, Thaila Vitória Vieira atua como a designer e as professoras Mayara Ferreira e Thamyres Sousa acompanham o desenvolvimento das atividades. Na página, além de solicitar a colaboração da comunidade, também trabalhamos conteúdos voltados para a educação para a preservação da memória.

Para o gerenciamento da página, utilizamos conhecimentos já adquiridos em outras disciplinas do curso, mas também desenvolvemos dentro do próprio projeto de extensão uma etapa para capacitação dos extensionistas em relação à parte comunicacional. Por meio dos encontros, tivemos a oportunidade de desenvolver um minicurso sobre gestão de tarefas e rede social ministrado por ex-alunas do curso de jornalismo da UESPI - Picos, Luana Rodrigues e Myvrian Braga. A atividade abriu novos horizontes e foi essencial para a criação do instagram do projeto. Aprendemos técnicas não somente de rede social, mas compreendemos o processo de criação de uma identidade visual que nos representasse e fosse atrativa para o nosso público.

Durante o minicurso sobre gestão de tarefas, nos foi apresentada uma tendência de planner utilizada no atual cenário que é a plataforma Trello, um gestor de tarefas que no início deu bastante trabalho e questionamos se conseguiríamos manusear a plataforma. Foi um processo de descoberta, dificuldade, mas que, no fim, agregou à nossa qualificação, uma vez que muitas grandes empresas de comunicação se articulam pelo Trello. Aprender a manusear essa plataforma foi interessante para nossa formação, pois hoje utilizamos não somente no projeto, mas na vida pessoal e para ajudar outras pessoas a organizarem suas tarefas.

Quando pensamos em um projeto dessa dimensão devemos pensar em como expandir para além das barreiras universitárias, pois compreendemos que materiais que são fragmentos da memória jornalística de Picos não devem permanecer apenas armazenados em uma sala ou drive. Cientes de que somos um projeto de extensão - já explicado - nada mais justo que compartilhar o que aprendemos e garimpamos com a comunidade externa.



A importância de educar as pessoas para a preservação da memória é um estímulo para que mais lugares de memória sejam fomentados em Picos. Por meio dos minicursos, buscamos apresentar o papel social do jornalismo na década de 90, por exemplo, trazendo isso tanto para a cidade que estes alunos do ensino médio residem como para as escolas que frequentam.

Nos minicursos, buscamos apresentar a relevância e contribuição que o jornalismo deixou e ainda deixa na vida das pessoas por meio das memórias, frisando que devemos preservar para não cair no esquecimento. Mostrar para jovens alunos a importância de preservar memórias jornalística é saber que poderemos ter jovens comprometidos com um presente/ futuro de não esquecimento, que busquem interesse em pesquisar e se aprofundar em assuntos importantes da sua localidade, que preservem momentos das suas vidas.

Como extensionistas, acreditamos que os minicursos realizados vão muito além da educação para preservação de memórias jornalísticas. São um momento de troca em que podemos contar nossas experiências e ouvir os anseios e demandas da própria comunidade, visto que a extensão, conforme Deus (2020)<sup>3</sup> tem um caráter de transformação social.

Antes do primeiro minicurso, houve uma reunião em que tudo foi articulado. Pensamos o que seria abordado, que estratégias usaríamos para manter a atenção do público e as funções foram delegadas para os discentes extensionistas. Supervisionados pelas coordenadoras do projeto, uma dupla ficou responsável por discutir a temática de pesquisa, extensão e memória e a outra, auxiliou na discussão, e preparou uma dinâmica explorando o tema memória e articulando também com aspectos que compõem a memória da escola em que eles estão inseridos.

A preparação foi marcada por ansiedade e nervosismo, pois nenhum dos extensionistas contava com a experiência de ministrar um minicurso, ainda mais para um público que não fosse o universitário. Contudo, foi uma experiência de laboratório, em que fomos trocar conhecimentos e houve uma beneficiação mútua, que é uma função da extensão universitária.



Nosso primeiro minicurso ministrado foi no Centro Estadual de Tempo Integral Marcos Parente, e foi direcionado para as turmas de 1º ano do ensino médio. A direção nos disponibilizou uma sala com datashow e foi atenciosa conosco. Na etapa, tivemos o auxílio das duas professoras responsáveis pela criação do projeto, Mayara Ferreira e Thamyres Sousa, que foram para supervisionar e auxiliar na discussão. Devido a um imprevisto com o datashow, tivemos que adaptar a exposição para um formato de roda de conversa e acabamos utilizando os celulares como suporte, uma vez que tínhamos o conteúdo do slide em mãos.

Pedimos para que os discentes da escola formassem um grande círculo e distribuísimos papéis para que, após o início do diálogo, eles representassem de alguma forma o que era memória para eles.

Para a roda, nos utilizamos dos conceitos trabalhados por dois autores que tratam sobre memória, que são o Maurice Halbwachs (1990)<sup>4</sup> e Pierre Nora (1993)<sup>6</sup>, os estudos de ambos acabam por se complementarem. Entramos em assuntos como: memória coletiva, lugares de memória, fragmentos de memória, memória presente, dentre outros. Os alunos foram perdendo a timidez e interagindo aos poucos, na medida que abrimos diálogo.

No momento em que pedimos para que começassem a ler o que os seus colegas tinham representado como memória, obtivemos respostas como: passado, o que já aconteceu, saudade, ex, foram respostas bem diversas. A dinâmica final consistia em um quiz sobre a memória da Unidade Escolar Marcos Parente. Formamos grupos que possuíam nomes criados pelos próprios alunos para disputarem e o grupo vencedor ganharia uma singela recompensa. Tivemos muita interação, os alunos gostaram bastante da dinâmica e foi a etapa em que mais interagiram.



## *Considerações finais*

Nos encontros e reuniões que desenvolvemos, desde quando começou o projeto, tudo vai muito além do conhecimento. Temos trocas de experiências, desafios, risadas, comida e boas conversas. Afinal, a educação se faz também na afetividade.

Buscamos sempre ir mais à frente do que somente conteúdo, pesquisa, extensão e trabalho com o intuito de fazer com que os momentos de atividade do projeto também sejam de descontração para assim conseguirmos desenvolver melhor, aumentar a criatividade. A ideia é compreendermos que, além de pessoas executando um projeto, somos pessoas trabalhando e construindo memórias, tentando quebrar os desafios e barreiras para que pessoas depois de nós não passem por dificuldades de pesquisas que passamos e também colegas que antes de nós passaram.

Em menos de 1 ano, o projeto já reúne 12 títulos de materiais jornalísticos impressos e 87 exemplares digitalizados. A quinta-feira tornou-se um dia leve, um dia repleto de conhecimentos, de boas risadas e boas memórias. Acreditamos que esse seja também o papel do projeto, além de unir a universidade e a comunidade externa, unir também a nós mesmos, nossos laços e aprendizados. Afinal, um dia tudo isso também será memória e será estudado e pesquisado por outros que virão depois de nós.

## *Contribuições dos autores*

Todos os autores participaram da organização, redação e revisão do texto.

## *Referências*

1. BRASIL 61. **Brasil 61**. Pesquisa: 57% dos brasileiros acreditam que os estudantes saem do ensino médio pouco preparados para o ensino superior ou o mercado de trabalho. [S.l.].



Brasil 61, 2023. Disponível em: <https://brasil61.com/n/pesquisa-57-dos-brasileiros-acreditam-que-os-estudantes-saem-do-ensino-medio-pouco-preparados-para-o-ensino-superior-ou-o-mercado-de-trabalho-pind233851>. Acesso em: 1 de outubro de 2023.

2. FREIRE, Paulo. **Extensão ou Comunicação**. 8. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013. 89 p.
3. DEUS, Sandra de. **Extensão Universitária: trajetórias e desafios**. Santa Maria, RS: Ed. PRE-UFSM, 2020. 96 p.
4. HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990. 189 p.
5. POLLAK, Michael. Memória, Esquecimento, Silêncio. IN: Estudos Históricos. Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989.
6. NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. Tradução Yara Aun Khoury. **Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da PUC-SP**, São Paulo, n. 10, p. 7-28, dez. 1993.
7. RÊGO, Ana Regina. Jornalismo e memória: entre o tempo e a ética. In: 10o ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISADORES EM JORNALISMO, 2012, Curitiba. **Anais**. Curitiba: Pontifícia Universidade Católica do Paraná, 2012.